

OS EFEITOS ARGUMENTATIVOS DOS PROCESSOS REFERENCIAIS NO GÊNERO REDAÇÃO DO ENEM

THE ARGUMENTATIVE EFFECTS OF REFERENTIAL PROCESSES IN THE ENEM WRITING GENRE

Amanda Mikaelly Nobre de Souza (PPGL/UERN)¹

Lidiane de Moraes Diógenes Bezerra (UERN)²

RESUMO

Este artigo objetiva investigar a atuação de processos referenciais no desenvolvimento da orientação argumentativa em duas redações nota mil do ENEM. Para tanto, fundamentada em Gil (2002) e Paiva (2019), a pesquisa adota uma abordagem qualitativa, do tipo descritiva e bibliográfica e uso do método dedutivo. Com respaldo em Amossy (2011) e Cavalcante (2016), a pesquisa mostra que os processos referenciais desempenham funções argumentativas motivadas pela estrutura e propósitos comunicativos do gênero em questão. Como resultados, as análises evidenciam que a fabricação do referente, da sua primeira aparição à(s) retomada(s), contribui para a orientação argumentativa, por auxiliar na percepção dos pontos de vista do enunciador no texto, resultado da lexicalização presente nas expressões referenciais, sejam elas introdutórias ou anafóricas. A discussão proposta fornece subsídio teórico-metodológico ao professor de Língua Portuguesa e agencia estudos outros acerca da interface entre referenciação e argumentação nos estudos em Linguística Textual.

Palavras-chave: Referenciação. Orientação argumentativa. Pontos de vista. Redação do ENEM.

ABSTRACT

This article aims to investigate the role of referential processes in the development of argumentative guidance in two ENEM grade 10 essays. To this end, based on Gil (2002) and Paiva (2019), the research adopts a qualitative, descriptive and bibliographical approach and use of the deductive method. With support from Amossy (2011) and Cavalcante (2016), the research shows that referential processes perform argumentative functions motivated by the structure and communicative purposes of the genre in question. As a result, the analyzes show that the fabrication of the referent, from its first appearance to the resumption(s), contributes to the argumentative orientation, by assisting in the perception of the enunciator's points of view in the text, a result of the lexicalization present in the expressions. references, whether introductory or anaphoric. The proposed discussion provides theoretical-methodological support to the Portuguese language teacher and facilitates other studies on the interface between referencing and argumentation in studies in Textual Linguistics.

Keywords: Referencing. Argumentative orientation. Points of view. ENEM writing.

¹ Doutoranda em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: anobredesouza@gmail.com.

² Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professora Classe III, Nível 10, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), *Campus Pau dos Ferros (CAPF)*. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), na mesma instituição. E-mail: lidianemorais@uern.br.

Palavras iniciais

Com investigações voltadas para o entendimento dos processos de produção e compreensão de textos, a Linguística Textual (LT), respaldada na abordagem interacional de base sociocognitiva, versa sobre os estudos acerca da textualidade, especialmente na negociação dos sentidos, tarefa que envolve fatores linguísticos e extralinguísticos, processos mentais e fatores socioculturais, mediante relação entre os parceiros da interlocução numa determinada situação comunicativa de interação.

Esse pressuposto implica pensar a construção textual como uma negociação gerida pelas relações de textualização, *locus* de inscrição de pressupostos, a exemplo da argumentação. Pensando numa articulação teórica, Cavalcante (2016, p. 107) atribui à LT o caráter de uma disciplina que “sempre, e por diferentes conduções metodológicas, incluiu a argumentação como um pressuposto inegável e como uma motivação para a análise de diversas estratégias de organização textual”, embasando, pois, a atividade de negociação de sentidos, seja para revelar um ponto de vista, seja para anunciar e defender uma tese.

Recorte da pesquisa de dissertação sobre a referenciação e a orientação argumentativa em redações nota mil do ENEM (Souza, 2021), este artigo reivindica que essa relação contribui para a compreensão do processo complexo de interação social que é o texto, este, inevitavelmente, constituído de referentes construídos e reconstruídos no discurso de maneira negociada. Emergidos de escolhas em função de um querer dizer, os processos referenciais dizem respeito às diversas formas de introduzir, retomar, ativar, desativar e recategorizar um referente à medida que o discurso se desenvolve (Cavalcante; Custódio Filho; Brito, 2014). Daí o entendimento de que o fenômeno da referenciação versa sobre uma reelaboração do real, conforme percepções individuais de mundo e propósitos comunicativos do produtor em relação ao(s) interlocutor(es).

Nesse viés, defendemos a hipótese de que há uma relação entre referenciação e argumentação, especialmente em textos constituídos por sequências argumentativas cujo propósito comunicativo é de convencer e persuadir o interlocutor acerca de uma tese, que é caso do gênero redação do ENEM. Isso porque os processos referenciais, de introdução, retomada e remissão de referentes no texto, consistem em estratégias que permitem ao leitor desvelar, atualizar e validar sua opinião sobre uma dada realidade construída de maneira negociada entre os interlocutores interacionalmente. Daí o objetivo deste artigo consistir na tarefa de investigar

a atuação de processos referenciais no desenvolvimento da orientação argumentativa em duas redações nota mil do ENEM.

Quanto às publicações na área, ainda são poucos os estudos que tratam da referenciação em interface com a argumentação, especialmente em se tratando do gênero redação de ENEM, pois, de acordo com o levantamento realizado pela Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), de acesso disponível no portal da CAPES, não encontramos pesquisas que tenham como *corpus* de análise este gênero em específico, havendo apenas trabalhos com um nível de aprofundamento menor, como é o caso dos artigos científicos publicados em periódicos. Daí, a necessidade de ampliar as discussões a esse respeito, e o caráter aparentemente inovador da presente pesquisa em relação ao *corpus*: Redações nota mil do ENEM (Souza, 2021).

No que tange à sua pertinência, a pesquisa traz contribuições importantes à Linguística Textual, à medida que explora e amplia os postulados teórico-metodológicos da ciência, além de subsidiar, no âmbito da educação básica, o trabalho do professor de língua portuguesa, especialmente do ensino médio, no sentido de potencializar as aulas com a análise de redações nota mil, trabalho de suma importância no processo de compreensão do gênero em questão.

De modo a elucidar a compreensão da discussão proposta, o plano de apresentação deste artigo encontra-se organizado em quatro seções, além da introdução, que versa sobre a problemática, objetivos e relevância do estudo. Na primeira seção, a discussão versa sobre o critério teórico-metodológico da pesquisa, a referenciação, e sua natureza eminentemente argumentativa. Posteriormente, é feita a explanação dos aspectos metodológicos que subsidiam o trabalho. A terceira seção é dedicada à análise descritivo-interpretativista da atuação de processos referenciais no desenvolvimento da orientação argumentativa no gênero redação do ENEM. Por fim, são tecidos alguns comentários a respeito da proposta de investigação, expondo seus principais resultados e contribuições ao ensino de língua.

Reflexões teóricas sobre a natureza argumentativa do fenômeno da referenciação

Ao discorrer acerca das abordagens da argumentação nos estudos em Linguística Textual, Cavalcante (2016, p. 116) defende um diálogo com a Teoria da Argumentação no Discurso, por entender que os critérios analíticos daquela disciplina “[...] são como que motivados por uma tentativa de explicação para as escolhas textuais pelas quais o sujeito age sobre o seu dizer, reelaborando-o a todo instante, negociando-o com os prováveis interlocutores (em seus papéis sociais), para atender a seus propósitos”. Ou seja, conceber a inscrição da

argumentação no nível textual do discurso se justifica pelo entendimento de que toda produção textual, quando dotada de intencionalidade, é construída visando influenciar o outro em relação a um projeto de dizer, o que todo texto é capaz de fazer.

Essa perspectiva teórica tem como base uma argumentação

[...] entendida como a tentativa de modificar, de reorientar, ou mais simplesmente, de reforçar, pelos recursos da linguagem, a visão das coisas por parte do alocutário. [...] [a] tentativa de fazer aderir não somente a uma tese, mas também a modos de pensar, de ver, de sentir (Amossy, 2011, p. 130).

Decerto, intencional algo implica argumentar, uma vez que quando fazemos uso da linguagem, possuímos, sem dúvida, uma pretensão comunicativa e, para ter êxito, não atuamos de qualquer forma. Logo, ainda que não seja essencialmente argumentativo, todo texto apresenta uma dimensão argumentativa, que é a proposta de um querer fazer, feita por um locutor a um interlocutor, em uma situação comunicativa específica (Koch, 2011). Assim, é preciso entender a argumentação não apenas como uma teoria, mas também como uma categoria das relações sociais humanas, inerente à linguagem, às práticas comunicativas.

O intento de atingir o outro de alguma forma, convidando-o “a compartilhar modos de pensar, ver e sentir” (Amossy, 2018, p. 12), com vistas a uma determinada conclusão, independe do tipo de texto que se produz. Daí entender que a orientação argumentativa, garantida pelos processos referenciais, é parte da textualidade da unidade discursiva, em razão de ser constitutiva de todo e qualquer projeto de dizer (Cavalcante *et alli*, 2020). Enquanto critério teórico-metodológico da LT, a referência, de acordo com Marcuschi (2005), corresponde a uma realidade própria de quem enuncia, dado que os referentes não são formas fixas da linguagem, pelo contrário, são entidades dinâmicas, flexíveis e construídas socialmente, segundo aspectos culturais e históricos de determinado grupo social, podendo variar em seu significado.

Paralelamente, Mondada e Dubois (2003) postulam que, na construção da teia textual, a interpretação da atuação dos referentes versam mais sobre a pragmática da enunciação do que da sua semântica própria. Por exemplo, “Está chovendo!” pode ser algo positivo, se enunciado por um indivíduo que mora em uma região afetada pela seca, ou negativo, quando molha as roupas que já estavam secas em um varal. Com isso, entendemos que os referentes não são significações, mas detêm significados.

Assumindo uma perspectiva textual-discursiva, como adota a Linguística Textual, a referência entende que texto e discurso estão indissociavelmente imbricados, sendo

incoerente desconsiderar as práticas discursivas dos sujeitos da enunciação na (re)construção dos processos referenciais (Cavalcante, 2011). Isso porque a fabricação dos referentes não é resultado apenas de um único elemento, pontualmente falando, que dispara o gatilho para a sua (re)construção, mas também das relações sociais, ligações com os conhecimentos compartilhados na interação e com o conhecimento enciclopédico de natureza sociodiscursiva.

Partindo desse postulado, relativo à natureza do fenômeno da referenciação e dos processos pelos quais se desenvolve, cabe destacar que:

[...] a referenciação não se restringe, pois, somente a não repetir formas de expressões referenciais, mas ajuda a organizar o texto, a argumentar, a resumir, a introduzir novas informações, a definir, a veicular vozes diferentes ou pontos de vista discursivos, a chamar a atenção do leitor – isso para citar apenas algumas (Machado, 2013, p. 122).

Nessa perspectiva, os diferentes modos de fazer referência às coisas, da introdução referencial às anáforas, revelam a natureza argumentativa de um texto. Isso porque os processos referenciais, no curso da interação, denotam avaliações, expressam pontos de vista, conduzindo não apenas a progressão textual, mas a orientação argumentativa inscrita no texto, dada a pretensão comunicativa que apresenta.

Em síntese:

As expressões nominais remissivas funcionam como uma espinha dorsal do texto, que permite ao leitor/ouvinte construir, com base na maneira pela qual se encadeiam e remetem umas às outras, um “roteiro” que irá orientá-lo para determinados sentidos implicados no texto e, conseqüentemente, para as leituras possíveis que, a partir dele, se projetam (Koch, 2005, p. 46).

Noutras palavras, os referentes, desde a sua primeira aparição no texto, revelam um direcionamento argumentativo, e as construções linguísticas utilizadas, conforme a maneira como as inserimos e as relacionamos no texto, definem essa orientação argumentativa. Essa visão de argumentação parte da premissa de que não produzimos textos de todo modo, “sempre que falamos ou escrevemos, escolhemos as palavras que melhor combinam com as nossas intenções e as colocamos em relação com outras palavras, com outros contextos” (Cavalcante; Custódio Filho; Brito, 2014, p. 112). O exemplo a seguir ilustra esse pressuposto:

(1) Quadro verdejante
Rochedo nítido e maciço
O Passo do Urso
Tem tudo para agradar.

(Extraído de Adam, 2011, p. 122).

Este exemplo trata de uma descrição que, segundo Adam (2011), é uma legenda da foto de uma falésia escarpada. Os modificadores “verdejante” e “nítido e maciço” referentes a “quadro” e “rochedo”, respectivamente, enfatizam um direcionamento argumentativo que trabalha para uma finalidade comunicativa: suscitar no interlocutor o desejo de estar em um lugar com essas características. Com efeito, entendemos que as escolhas lexicais, especialmente de natureza nominal, demarcam a subjetividade do falante e auxiliam o leitor na percepção da orientação argumentativa que o texto segue.

Com este exemplo, retomamos as discussões trazidas por Amossy (2018), ao defender uma concepção mais ampla de argumentação, entendida não somente como a tentativa de adesão a uma tese, mas também a de agir sobre o outro, de levá-lo a (com)partilhar percepções e valores de determinada maneira. Com a atenção voltada para o outro, em atingi-lo, seja informando, descrevendo ou narrando, a pretensão do produtor é fazer com que o seu interlocutor perceba as coisas de determinada maneira, como é o caso de (1). Em outras palavras, “[...] qualquer que seja o olhar que se coloque sobre a construção da referência, a argumentação estará presente” (Cavalcante *et alli*, 2020, p. 139).

Outro exemplo ilustrativo da natureza argumentativa dos referentes, agora desde a sua primeira aparição, é apresentado em Cavalcante (2011, p. 143). Vejamos:

(2) “É como **uma linha férrea desativada**” – o médico lhe mostrava o raio X, levantando a chapa contra a luz. Lá estava **a coluna vertebral**, na estrada completa, com todos os seus ossinhos aparentemente em perfeito estado. Mas agora não servia para mais nada, os membros paralisados [...]. Agora observa outra vez a chapa contra a luz. **Uma linha férrea**, sim. Sem ligações nervosas, sem circuitos, o trenzinho parado não se sabe em que canto do corpo, enferrujando [...].

Em (2), a introdução referencial “uma linha férrea desativada” já aparece com uma carga significativa de avaliação, implicando, pois, em argumentatividade. O trecho faz parte de um conto, no qual um médico, ao se referir à coluna vertebral de um paciente, categoriza-a como paralisada, em estado de ruína, que há algum tempo não trabalha ou, melhor dizendo, não é usada, como uma linha de trem em desuso. Com essa interpretação, reconhecemos que, apresentando o referente de maneira persuasiva, a introdução referencial “uma linha férrea desativada”, marcadamente valorativa, encaminha uma orientação argumentativa que continua ao longo do texto, por meio de processos referenciais diversos.

Com efeito, essa interpretação permite pensar que as escolhas referenciais, em especial, as de natureza lexical, não são aleatórias, revelam um direcionamento argumentativo do enunciador na unidade discursiva, o que pode ser constatado também na introdução referencial, e não apenas nas anáforas, como comumente se vê. Logo, todos os processos referenciais cumprem uma função eminentemente argumentativa.

É certo, pois, que a inter-relação entre referenciação e argumentação na teia textual-discursiva é visualizada mediante escolhas lexicais, ou seja, referentes e expressões referenciais que revelam e atualizam, de alguma forma, um dado grau de argumentatividade nos textos. Essa reflexão é apresentada por Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014, p. 124): “[...] a escolha da forma de manifestação da anáfora também é muito importante na progressão da argumentação em um texto, na medida em que pode oferecer uma avaliação daquilo que está sendo objeto de referência”. Ademais, essa construção referencial consiste na continuidade do referente no discurso, corroborando com os propósitos comunicativos intencionados, mediante motivações de natureza diversa: cognitiva, social, política, cultural, ideológica etc.

Assumir esse pressuposto implica admitir que o teor argumentativo da unidade discursiva só é percebido efetivamente quando se considera o contexto sociocomunicativo dos processos referenciais inscritos na materialidade linguística, bem como a relação que estes estabelecem na interação. Analisemos outro exemplo:

(3) NADA É DE GRAÇA!

Sabe quanto a Globo “paga” para associação de moradores do Morro Dona Marta, cada vez que grava *Viver a Vida*? R\$2.000! Mas o valor é doação, e não cobrança.
(Extraído de Cavalcante, Custódio Filho e Brito, 2014, p. 122).

Em (3), vemos que o referente “R\$2.000”, em sua primeira aparição no texto, é retomado inicialmente pela expressão anafórica “o valor”. Por essa retomada, já percebemos um dizer argumentativo, pois o enunciador faz uso do termo “o valor” e não “custo”, por exemplo, ou “esmola”, já que não se trata de um preço ou cobrança, e sim de uma doação. Nesse viés de análise, os autores acrescentam, ainda, que a escolha pelo termo “o valor”, e não outro, consiste numa estratégia de, aparentemente, não revelar uma opinião, o que corrobora com a intenção comunicativa, sugerida pelo uso das aspas em “paga”, de que a quantia não é um pagamento em seu sentido estrito, mas uma doação, como se enuncia na sequência.

No entanto, é errôneo restringir o teor argumentativo dos textos ao campo do léxico, palavras e expressões, pois as relações que esses elementos mantêm na enunciação, num processo colaborativo, denotam uma orientação argumentativa, conforme exemplo a seguir:

(4) Labareda\$

O coronel Duarte Frota esteve em Brasília, no último fim de semana, representando os bombeiros do Ceará, em reunião com a Secretaria Nacional de Segurança Pública. No encontro, o secretário NSP, Luiz Fernando Corrêa, após um diagnóstico nacional das unidades militares, deu um bom presente. Liberou mais de um milhão de reais para cada Estado e também para o Distrito Federal, inserido a corporação no Plano Nacional de Segurança Pública (*Jornal Diário do Nordeste*, 19/1/2005).

(Retirado de Cavalcante, 2011, p. 129).

Em (4), notamos que a compreensão do referente “labareda\$” não é possível quando consideramos apenas a sua associação com “bombeiros”, apresentado na sequência do texto por intermédio do conhecimento compartilhado e da realização de inferências, mas também, e principalmente, quando o interlocutor relaciona o símbolo monetário “\$” em “labareda\$” à seguinte predicação: “o secretário NSP, Luiz Fernando Corrêa, [...] liberou mais de um milhão de reais para cada Estado e também para o Distrito Federal [...]”. Nota-se, pois, que para além de relação anafórica indireta com “bombeiros”, “labareda\$” é uma recategorização do grande montante liberado: altas chamadas de dinheiro.

Ademais, é importante destacar a posição estratégica que esse referente ocupa no texto – o título –, induzindo o leitor a uma dada compreensão. Isso porque a apreensão dos sentidos do texto não depende exclusivamente dos referentes homologados no discurso, mas do que é dito sobre estes ao longo da unidade discursiva. Daí o entendimento de que é preciso avaliar o processo discursivamente, como um todo, e não apenas localizar expressões referenciais de maneira pontual, isto é, analisar o funcionamento de tais expressões na unidade discursiva e, assim, notar a argumentatividade presente no texto.

Ainda a respeito dessa relação, Cavalcante *et alli* (2020) vislumbram a referenciação como um investimento textual na argumentação, não somente no que tange à defesa de uma tese, mas no desvelamento de um ponto de vista. Sobre isso, vejamos o excerto a seguir:

(5) Bolsonaro se divide entre a mentira e a total falta de competência

(Bruno Boghossian, 18 jul. 2020)

Jair Bolsonaro não gostou da ideia de vetar as queimadas no país por quatro meses para conter a devastação da Amazônia. Na noite de quinta-feira (16), ele criticou a medida e avisou: “Não assinei ainda. Está previsto assinar”. O presidente deve ter se confundido. O decreto com a proibição havia sido publicado naquela manhã e trazia sua assinatura.

Às vezes, é difícil saber se Bolsonaro está só mentindo ou se não tem a menor ideia do que está fazendo. Ao dizer que não havia assinado um despacho que já estava no Diário Oficial, o presidente fica dividido entre o atrevimento de ludibriar seus próprios eleitores e a total falta de competência para exercer o cargo.

[...] As balelas presidenciais poderiam ser apenas parte de uma retórica desonesta, mas elas também dão origem a políticas públicas delinquentes. O patrocínio oficial ao uso de medicamentos sem eficácia comprovada, como a hidroxicloroquina, é um exemplo disso. Contaminado pelo coronavírus, o próprio Bolsonaro tomou o remédio, o que sugere que ele realmente acredita no que diz. Em muitos casos, o despreparo do governo tende a ser mais perigoso do que a mentira. (Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/bruno-boghossian/2020/07/bolsonaro-se-divide-entre-a-mentira-e-a-total-falta-de-competencia.shtml>. Acesso em: 21 jul. 2020). (Retirado de Cavalcante *et alli* 2020, p. 133-134, grifos dos autores).

Neste texto de cunho jornalístico, o enunciador expressa uma opinião a respeito do desmatamento que destrói a Amazônia. Logo no título, por meio das expressões introdutórias “a mentira” e “a total falta de competência”, o enunciador expõe sua tese: Bolsonaro é mentiroso e incompetente. Esses dois pontos de vista constitutivos da tese são confirmados ao longo do texto, com a evolução dos referentes supracitados: 1) “a mentira” > “o atrevimento de ludibriar seus próprios eleitores” > “as balelas presidenciais” > “uma retórica desonesta” > “a mentira”; e 2) “a total falta de competência” > “a total falta de competência para exercer o cargo” > “a políticas públicas delinquentes” > “o despreparo do governo”. A articulação desses referentes, à medida que reelabora a tese previamente anunciada já no título do texto, evidenciando os pontos de vistas revelados, contribui para a orientação argumentativa que constitui o projeto de dizer do enunciador. Logo, “[...] não basta ter um aparato teórico mais refinado para explicar a construção de um dado referente; é preciso considerar a integração entre os referentes” (Cavalcante *et alli* 2020, p. 140), ou seja, entender que estão dispostos em rede, numa espécie de teia, em relação uns com os outros.

Pelos excertos apresentados, percebemos a atuação dos processos referenciais como estratégias das quais o enunciador se vale para evidenciar posicionamentos que revelam uma argumentação, ou melhor dizendo, um projeto argumentativo. A respeito disso, Koch e Elias (2018, p. 91) postulam que, à medida que o texto avança, “nesse movimento de introdução e retomada de referentes, as formas nominais vão orientando argumentativamente o leitor para uma dada conclusão”, reforçando, pois, a relação existente entre referenciação e argumentação.

Em linhas gerais, o viés argumentativo dos processos referenciais nas tarefas de produção e compreensão de textos, quando abordado em sala de aula, garante ao falante da língua o aprimoramento das competências organizacionais, da argumentação, da introdução de informações, bem como da articulação de diferentes vozes ou pontos de vista discursivos, conforme postula Cavalcante (2011).

Com olhar voltado para os processos referenciais e o direcionamento do sentido argumentativo que estes possibilitam ao texto, mediante atuação na unidade discursiva, apresentamos, na sequência, a direção metodológica que orienta a presente pesquisa.

Aspectos metodológicos

No tocante ao tratamento metodológico dispensado aos dados, conforme postulados de Gil (2002), Prodanov e Freitas (2013) e Paiva (2019), caracterizamos a pesquisa como sendo: i) qualitativa, dado o foco na compreensão abrangente e significativa do fenômeno em estudo mediante viés subjetivo do pesquisador, uma atividade de interpretação dos dados; ii) descritiva, por descrever as ocorrências referenciais observadas e identificadas no *corpus*, no que se refere à (re)construção dos objetos de discurso; e iii) bibliográfica, visto que o seu *corpus*, redações do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), é um material de domínio público: a cartilha intitulada “Redações a mil” (2018).

Além disso, a pesquisa adota o método dedutivo, por partir de uma generalização (critério teórico-metodológico de análise) à uma especificação (*corpus* de análise), ou seja, deduzimos que, no *corpus* supracitado, seria encontrada uma regularidade significativa referente ao emprego de processos referenciais, antes mesmo do trabalho de pré-análise: primeira leitura dos textos. Nesta tarefa inicial, realizamos um trabalho de quantificação dos dados, a fim de identificar os processos referenciais empregados nos textos e justificar melhor as decisões metodológicas adotadas, sobretudo quanto às categorias de análise. Daí, entender que, neste estudo, valemo-nos de números com o intento de garantir cientificidade à pesquisa, já que não é nosso foco explicar o número de ocorrências dos processos referenciais (Gráfico 01), e sim analisar as próprias ocorrências, manifestação e funções argumentativas.

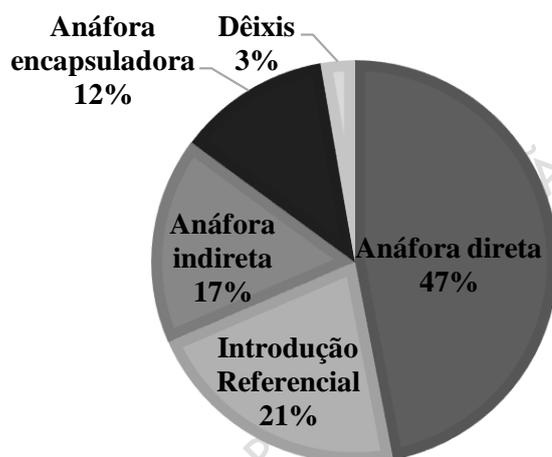
Para este artigo, elegemos duas redações para análise, cuja temática retratada versa sobre a “Manipulação do comportamento do usuário pelo controle de dados na *internet*”, que propõe um diálogo acerca de como o usuário da *internet* revela para o sistema de informações, através de aplicativos, pesquisas realizadas e o uso das redes sociais, por exemplo, seus gostos, preferências e opiniões. A temática trata de uma preocupação atual e recorrente, que tem fomentado o surgimento de valiosas discussões, a exemplo da falta de privacidade na *internet*, da ascensão do capitalismo com as vendas *on-line* e, ainda, da expansão das *Fake News*.

De modo sistemático, a seleção dos textos ocorreu mediante os seguintes critérios: i) maior recorrência dos processos referenciais; e ii) similaridade quanto ao viés argumentativo

de discussão; e iii) abordagem de questões relativas a acontecimentos históricos e pensamentos de ordem filosófica e/ou sociológica.

Quanto ao tratamento dos dados, inicialmente, realizamos a leitura do *corpus*, de modo a identificar, à medida que o discurso se desenvolve, que processos referenciais são empregados. Nesse fim, a partir de uma pré-análise, delimitamos as categorias de análise a partir de um trabalho quantitativo (Gráfico 01), no qual objetivamos observar o número de ocorrências de cada processo, de modo a constatar os mais recorrentes. Vejamos:

Gráfico 01 - Porcentagem das ocorrências de processos referenciais em redações nota mil do ENEM



Fonte: Produzido pelas autoras.

Como vê-se, os processos referenciais mais recorrentes são as anáforas diretas por correferencialidade, seguidas das introduções referenciais, especificamente as de natureza recategorizadora e, ainda, as anáforas indiretas por não-correferencialidade. Por meio do trabalho quantitativo, portanto, justificamos a delimitação de tais processos como as categorias de análise da pesquisa. Esse momento inicial da pesquisa é subdividido, conforme Minayo (2009), em: i) ordenação dos dados; e ii) classificação dos dados, os quais precedem a análise propriamente dita – momento posterior.

O exercício de análise do *corpus* versa sobre a interpretação de como as escolhas textuais do sujeito agem sobre o seu dizer no sentido de atender aos seus propósitos comunicativos (Cavalcante, 2016). Para tanto, consideramos as regularidades da referenciação em interface com a argumentação e as especificidades do gênero em estudo.

Processos referenciais e argumentação no gênero redação do ENEM: a proposta de análise

Na realização da análise do *corpus*, a fim de obter resultados esclarecedores no tocante ao estudo da interface referenciação e argumentação, consideramos a estrutura prototípica da sequência argumentativa que constitui o gênero redação do ENEM³, ou seja, o plano de texto, como sugere Adam (2011), a saber: premissas, que trata da apresentação do tema em discussão; apoio, mediante exposição e articulação de argumentos que deem respaldo à tese anunciada; e asserção conclusiva, espaço destinado ao fechamento das ideias acerca do tema dissertado.

A respeito da avaliação do gênero, o ENEM entende que obterá nota mil o texto que, quando avaliado por dois examinadores, contemplar integralmente e com excelência todas as partes da proposta de redação solicitada, ou seja, atingir 200 pontos em cada uma das cinco competências avaliadas, conforme orientações⁴ divulgadas anualmente pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP).

Conforme direcionamento metodológico de Minayo (2009), no que tange à discussão dos dados, a análise se encontra organizada da seguinte maneira: 1) apresentação dos textos, na íntegra, conforme estrutura prototípica da sequência argumentativa; 2) identificação (modo sublinhado e/ou negrito) dos processos referenciais, de acordo com as categorias delimitadas; e 3) análise e interpretação da relação existente entre tais processos com a orientação argumentativa da unidade discursiva. Vejamos:

| Redação 01 | |
|------------|--|
| Premissas | Em sua canção "Pela Internet", o cantor brasileiro Gilberto Gil louva <u>a quantidade de informações</u> disponibilizadas pelas <u>plataformas digitais</u> para seus <u>usuários</u> . No entanto, com <u>o avanço de algoritmos</u> e <u>mecanismos de controle de dados</u> desenvolvidos por empresas de aplicativos e redes sociais , essa abundância vem sendo restringida e as notícias , e produtos culturais vêm sendo cada vez mais direcionados - uma conjuntura atual apta a moldar os hábitos e a informatividade dos usuários. Desse modo, tal manipulação do comportamento de usuários pela seleção prévia de dados é inconcebível e merece um olhar mais crítico de enfrentamento. |
| | Em primeiro lugar, é válido reconhecer como esse panorama supracitado é capaz de limitar a própria <u>cidadania do indivíduo</u> . Acerca disso, é pertinente trazer o discurso |

³ Defendemos essa posição por corroborar do entendimento de Prado e Morado (2016), em *A redação do ENEM como gênero textual-discursivo: uma breve reflexão*, que concebem a redação do ENEM como gênero por ser constituído de enunciados relativamente estáveis e apresentar estrutura composicional, conteúdo temático e estilo, conforme Bakhtin (2016), em *Os gêneros do discurso*.

⁴ Conforme *A redação do ENEM: cartilha do(a) participante* (2024). Disponível em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/avaliacoes_e_exames_da_educacao_basica/a_redacao_n_o_enem_2024_cartilha_do_participante.pdf. Acesso em: 20 nov. 2024.

| | |
|----------------------------|--|
| <p>Apoio</p> | <p>do filósofo Jürgen Habermas, no qual ele conceitua a ação comunicativa: esta consiste na capacidade de uma pessoa em defender seus interesses e demonstrar o que acha melhor para a comunidade, demandando ampla informatividade prévia. Assim, sabendo que a cidadania consiste na luta pelo bem-estar social, caso os sujeitos não possuam um pleno conhecimento da realidade na qual estão inseridos, e de como seu próximo pode desfrutar do bem comum - já que suas fontes de informações estão direcionadas -, eles serão incapazes de assumir plena defesa pelo coletivo. Logo, a manipulação do comportamento não pode ser aceita em nome do combate, também, ao individualismo e do zelo pelo bem grupal.</p> <p>Em segundo lugar, vale salientar como o controle de dados pela internet vai de encontro à concepção do indivíduo pós-moderno. Isso porque, de acordo com o filósofo pós-estruturalista, Stuart-Hall, o sujeito inserido na pós-modernidade é dotado de múltiplas identidades. Sendo assim, as preferências e ideias das pessoas estão em constante interação, o que não pode ser limitado pela prévia seleção de informações, comerciais, produtos, entre outros. Por fim, seria negligente não notar como a tentativa de tais algoritmos de criar universos culturais adequados a um gosto de seu usuário criam uma falsa sensação de livre-arbítrio e tolhe os múltiplos interesses e identidades que um sujeito poderia assumir.</p> |
| <p>Asserção Conclusiva</p> | <p>Portanto, são necessárias medidas capazes de mitigar essa problemática. Para tanto, as instituições escolares são responsáveis pela educação digital e emancipação de seus alunos, com o intuito de deixá-los cientes dos mecanismos utilizados pelas novas tecnologias de comunicação e informação e torná-los mais críticos. Isso pode ser feito pela abordagem da temática, desde o ensino fundamental - uma vez que as gerações estão, cada vez mais cedo, imersas na realidade das novas tecnologias -, de maneira lúdica e adaptada à faixa etária, contando com a capacitação prévia dos professores acerca dos novos meios comunicativos. Por meio, também, de palestras profissionais das áreas da informática que expliquem como os alunos poderão ampliar seu meio de informações e demonstrem como lidar com tais seletividades, haverá um caminho traçado para uma sociedade emancipada.</p> |

Nesta redação, logo de início, nas premissas, destacamos a presença de uma introdução referencial de natureza recategorizadora: “o cantor brasileiro Gilberto Gil”, manifestada na forma de adjetivos “cantor” e “brasileiro”, fornece ao leitor informações sobre o referente “Gilberto Gil”. Com essa interpretação, fica evidente o comportamento influenciador da expressão referencial, no tocante à argumentação inerente ao texto, ao caracterizar um referente que, prototipicamente, atua como um argumento de autoridade, portanto, dada a referência feita à canção do “cantor brasileiro Gilberto Gil”: “Pela Internet”.

Além disso, o emprego de tal expressão, já nas primeiras palavras do texto, atua como uma estratégia de, a princípio, engajar o leitor, o que é persuasivo, à medida que o convida a ativar na memória discursiva a letra e o sentido da canção “Pela Internet” e relacionar à temática apresentada. Como postula Amossy (2011; 2018), a argumentatividade convida o interlocutor a compartilhar modos de pensar, ver e sentir, o que é inerente às práticas languageiras.

Na sequência, ainda no primeiro período enunciado, notamos a introdução de novos referentes, a saber: “a quantidade de informações”, “plataformas digitais” e “usuários”, os quais

predicam uma ideia referente à canção “Pela Internet” e, nisso, introduzem a temática em discussão. Em oposição ao que fora enunciado, o candidato, em seu texto, insere uma nova introdução referencial, “o avanço de algoritmos”, reveladora de um ponto de vista: os algoritmos presentes nos meios virtuais influenciam o acesso às informações disponibilizadas pela mídia e de modo recorrente, com frequência significativa. As seleções lexicais “avanço” e “quantidade” e a anáfora “essa abundância” validam essa compreensão, dada a carga semântica que expressam no texto: crescimento e ascensão, de modo respectivo.

Nessa linha argumentativa, outros referentes emergem no texto, maiormente anáforas indiretas que se ancoram nos postulados anteriores e detalham a discussão: “empresas de aplicativos”, “redes sociais”, “notícias” e “produtos culturais”. À vista disso, com o propósito basilar de influenciar o leitor à adesão de uma tese, no plano de texto do gênero em análise, tais referentes cumprem as funções de, viabilizando a progressão textual, delinear e direcionar a argumentação projetada. Isso porque tais anáforas afunilam a discussão, à medida que revelam ao leitor a quais tipos de plataformas e informações o produtor se refere com a exposição das ideias iniciais a respeito do tema.

Ao final das premissas, a expressão anafórica “tal manipulação do comportamento de usuários pela seleção prévia de dados” recategoriza as ideias que apresentam o tema em questão, por se remeter a expressões, referentes e até mesmo construções linguísticas já enunciadas, a exemplo do núcleo nominal “manipulação”, que se ancora em “direcionados”, “moldar” e na introdução referencial “mecanismos de controle de dados” para emergir na unidade textual. Tais seleções lexicais tornam esperado este ponto de vista do enunciador: os meios digitais, através da seleção prévia de dados, manipulam o comportamento de usuários. Daí o poder articulador dos processos referenciais na condução argumentativa do texto.

Quanto aos argumentos que dão sustentação à tese apresentada, inicialmente, o candidato discorre a respeito da “cidadania do indivíduo”, introdução referencial, afirmando ser afetada pela problemática em questão. Para tanto, com o emprego da introdução referencial “filósofo Jürgen Habermas”, valida a ideia apresentada, isto é, cita a fonte de um conceito (“ação comunicativa”) que vai de encontro ao argumento enunciado.

Nesse viés, entendemos que o processo referencial utilizado oferece credibilidade ao texto, pois, como sabido, no que tange à argumentação, embasar-se em autores para dizer algo induz muito mais o leitor a confiar no dito do que apenas dizer algo. Ademais, o uso do caracterizador “filósofo” não só reforça essa argumentação, como elucida a compreensão do

leitor, à medida que revela o cunho filosófico do conceito que fundamenta a discussão – outro embasamento, pois não se trata apenas da menção a um autor, mas a um autor e filósofo.

Na sequência, a anáfora “a cidadania” garante a manutenção do referente “a cidadania do indivíduo”, predicando algo a seu respeito e, com isso, dando ênfase à argumentação apresentada. Nessa perspectiva, observamos que a expressão “luta pelo bem-estar social” é apresentada no cotexto como se já fosse conhecida, exatamente por fazer remissão ao conceito comentado anteriormente (“ação comunicativa”), recategorizando as ideias precedentes, além de acrescentar novas ideias e promover a manutenção do tópico discursivo.

Ainda com o objetivo de reforçar a argumentação desenvolvida e convencer o leitor acerca do ponto de vista apresentado, o candidato insere novas anáforas que, de alguma forma, retomam a expressão referencial supracitada “luta pelo bem-estar social”, a saber: “bem comum” e “plena defesa pelo coletivo”. Isso porque, considerando as funções referenciais e predicativas, tais anáforas cumprem o papel de auxiliar o encadeamento e a inserção de ideias adicionais, conduzindo a orientação argumentativa do texto, dada a exposição dos argumentos.

Ao final do primeiro parágrafo, o enunciador retomará a temática em discussão com o emprego da anáfora direta manifestada por repetição parcial “manipulação do comportamento” e, por conseguinte, a ideia elucidada nos enunciados anteriores, concluindo que tal problemática não pode ser aceita em prol do combate, mas também em decorrência do individualismo e do “zelo pelo bem grupal”, expressão que retoma diretamente “plena defesa pelo coletivo”. Pela articulação dos referentes e, ainda, emprego do conectivo “logo”, entendemos que se finda um tópico discursivo de defesa da tese anunciada.

Em seguida, ainda a respeito do apoio, parte da estrutura prototípica da sequência argumentativa em análise, o candidato anuncia a adição de um outro argumento na discussão, dado o emprego da expressão “em segundo lugar”. Neste espaço, é feita menção a outro conceito de natureza filosófica para sustentar a discussão em questão: “a concepção do indivíduo pós-moderno”, introdução referencial que, a nosso ver, encapsula a informação subsequente “o sujeito inserido na pós-modernidade é dotado de múltiplas identidades”, cumprindo a função argumentativa de antecipar um projeto de dizer.

Nesse ínterim, novamente, o candidato, à medida que introduz um novo referente no discurso, “Stuart-Hall”, confere ao leitor informações a seu respeito, auxiliando a compreensão da argumentação desenvolvida: o autor supracitado é “filósofo” e “pós-estruturalista”. Com isso, além de dar credibilidade à ideia apresentada, o candidato fornece explicações sobre esta ao leitor, regularizando os sentidos do texto e tornando visível a orientação argumentativa.

Considerando a relação com o argumento apresentado, o enunciador retoma a expressão referencial “seleção prévia dos dados”, apresentada nas premissas do texto, por meio da expressão anafórica “prévia seleção de informações, comerciais, produtos, entre outros”, especificando quais dados dos usuários as mídias controlam e manipulam. Na sequência, entendemos que “tais algoritmos” retoma as expressões referenciais supracitadas, que motivam a aparição da expressão nominal indefinida “uma falsa sensação de livre-arbítrio”, recategorização que destaca um novo ponto de vista sobre a temática em discussão: a liberdade de escolha é ilegítima. Daí o entendimento que essa articulação entre os referentes cumpre efeitos argumentativos no texto.

No final do parágrafo em questão, o candidato, como forma de reforçar a argumentação desenvolvida, retoma “a concepção de indivíduo pós-moderno”, ao postular que os algoritmos tolhem “os múltiplos interesses e identidades que um sujeito poderia assumir”. Logo, fica evidente a relevância dos processos referenciais na construção da rede articulada de informações que é o texto, pois, quando interligados, conectados, garantem a unidade textual, princípio que permite estabelecer sentidos à unidade discursiva.

Direcionando a argumentação para o estágio conclusivo, o candidato, no último parágrafo, entendendo serem necessárias medidas para mitigar a problemática discutida, apresenta uma proposta interventiva, a qual pode ser visualizada por meio da introdução de referentes e da referência a eles. Nessa ótica, notamos, de modo particular, que a expressão introdutória “as instituições escolares” topicaliza o fechamento das ideias apresentadas, pois os referentes que seguem, embora indiretamente, fazem remissão à expressão supracitada: “educação digital”, “alunos”, “o ensino fundamental” e “professores”. Estes, por sua vez, delineiam a proposta de intervenção, no sentido de compreender o grupo de atores responsáveis para sua execução, dada a semântica que as respectivas predicções expressam.

A respeito das anáforas indiretas, segundo Machado (2013), é coerente dizer que, além de elucidar a discussão, com a inserção de informações adicionais, contribuem para a progressão textual das ideias, à medida que inserem novos tópicos ao texto, mantendo relação com o que já está sendo enunciado.

Na sequência, o emprego da expressão referencial “capacitação prévia”, interpretada como um referente novo no discurso, chama nossa atenção, pois, com o emprego do modificador “prévia”, o candidato avalia a natureza da capacitação, revelando um outro ponto de vista do enunciador: é imediata a necessidade de capacitar os profissionais para abordagem

acerca dos “mecanismos utilizados pelas novas tecnologias de comunicação e informação”, expressão referencial retomada por “novas tecnologias” e “novos meios comunicativos”.

Ademais, “capacitação prévia” atua como âncora para a aparição da expressão nominal “palestras profissionais das áreas da informática”, a qual reforça a necessidade de formação para a abordagem da temática. Por tais análises, é visível o papel de tais processos referenciais: orientar o leitor à conclusão do texto e, inevitavelmente, à construção dos seus sentidos, de que é pela educação que haverá a possibilidade de termos uma sociedade emancipada.

Na mesma linha de investigação, procedamos à redação que segue:

| Redação 02 | |
|---------------------|---|
| Premissas | Em meados do século XX, durante o período da <u>Segunda Guerra Mundial</u> , foi desenvolvida a <u>internet</u> . A princípio, tal ferramenta tinha como objetivo facilitar a comunicação bélica e, por isso, era restrita a um determinado grupo de pessoas. Entretanto, após o término da guerra a internet foi difundida e alcançou novos públicos. Além disso, foram atribuídas novas funções à ferramenta que contribuíram para sua popularização. Atualmente, a tecnologia virtual faz parte da vida da maior parte da população brasileira, seja para lazer, seja para trabalho. Contudo, embora a internet ofereça acesso a todo tipo de conteúdo, ela se vale de mecanismos de controle de dados que manipulam a disposição das informações. Dessa maneira, em razão do <u>Capitalismo</u> e do <u>ensino tradicionalista</u> , a manipulação do comportamento do usuário pelo controle de dados da internet torna-se evidente e problemático. |
| Apoio | Em primeiro plano, o sistema econômico capitalista corrobora o problema, na medida em que se vale do ambiente virtual para obter lucro com o desenvolvimento do comércio online . Isso pode ser verificado com o aumento de lojas e, conseqüentemente, de propagandas virtuais. Com isso, foram desenvolvidos padrões de rastreamento de dados do usuário a fim de personalizar as propagandas de acordo com o tipo de consumidor. Esse mecanismo contribui para o aumento das vendas, já que o indivíduo é sutilmente persuadido a comprar um produto que, provavelmente, já o interessava. Dessa forma, cada cidadão é afetado diretamente por mecanismos de venda e nem sempre tem conhecimento disso, prejudicando, pois, a democracia pela restrição indireta da liberdade individual . Ademais, o falho sistema de ensino — no que diz respeito às novas tecnologias — contribui para ocorrência do problema. Isso se confirma com a permanência de um ensino tradicionalista, que exclui os aparelhos tecnológicos da rotina escolar, em oposição à constante modernização dos aparelhos. Estes, ao invés de serem incorporados à vida escolar para serem compreendidos e ressignificados como ferramentas úteis ao conhecimento , são duramente combatidos das salas de aula por serem majoritariamente utilizados para entretenimento . Assim, sem o conhecimento a respeito das possíveis maneiras de se usar internet e dos mecanismos nela presentes, o usuário torna-se vulnerável diante da manipulação dos seus dados, o que prejudica a harmonia social do espaço virtual e, por conseqüência, a plena vivência da cidadania . |
| Asserção Conclusiva | Logo, a fim de mitigar o problema é preciso isto: que o Ministério da Educação integre à grade curricular o ensino sobre o uso seguro e consciente da internet por meio da realização de projetos que expliquem e exemplifiquem como o controle de dados é feito e como isso afeta o indivíduo. Tal ação deverá alertar os cidadãos para que eles se tornem mais autônomos ao usar a ferramenta. Além disso, o Governo Federal deve criar campanhas que sejam veiculadas às mídias abordando o tema em |

| |
|--|
| questão. Dessa maneira, a parcela da população que não frequenta mais a escola também é informada e alertada para se precaver. |
|--|

No texto, um primeiro ponto de observação diz respeito ao ineditismo dos referentes “Segunda Guerra Mundial” e “a internet”, que, em ocasião da sua primeira aparição no contexto, sem fazer menção a qualquer outra entidade, consistem em introduções referenciais. Na sequência, notamos que a ocorrência da anáfora indireta “a comunicação bélica” faz remissão à primeira introdução referencial, ao passo que a anáfora direta “guerra”, por repetição parcial, retoma-a. Já a segunda introdução referencial é retomada por expressão definida (“tal/a ferramenta”), repetição total (“internet”) e por pronominalização (“ela”).

Por se tratar das premissas, espaço destinado à apresentação do tema proposto, entendemos que as duas introduções referenciais supracitadas cumprem o papel de conduzir o início do movimento argumentativo da unidade discursiva, inerente ao gênero. Isso porque são, na verdade, palavras-chave da discussão: o enunciador relaciona o surgimento e uso da internet ao acontecimento da Segunda Guerra Mundial para falar que a ferramenta, como recategoriza a internet, se expandiu com a atribuição de novas funções entre os indivíduos em sociedade.

No mesmo fim, as anáforas diretas e indiretas permitem que o leitor compreenda que referência se faz com as predicções, evitando possíveis ambiguidades e promovendo a progressão e a continuidade sequencial do texto, funções largamente discutidas pela literatura. Não obstante, quanto à argumentatividade, a retomada e remissão aos referentes introduzidos acrescentam informações ao texto, ao passo que expõem um ponto de vista a respeito da temática, ainda que indiretamente, como forma de reforçar o fato que introduz a discussão sobre o tema proposto: “Em meados do século XX, durante o período da Segunda Guerra Mundial, foi desenvolvida a internet”.

Ainda no que diz respeito às premissas, com o emprego do operador argumentativo “contudo”, o enunciador apresenta uma contraposição ao papel da internet, ao apresentar o lado negativo do seu uso, dada a disposição de “mecanismos de controle de dados”, introdução referencial que confirma esse dissenso. Nesse sentido, o enunciador encaminha o interlocutor à tese que pretende defender ao longo da unidade discursiva: a problemática da manipulação do comportamento do usuário pelo controle de dados da internet dar-se-á em decorrência do Capitalismo e do ensino tradicionalista.

Nessa tese, é interessante atentar-se para a escolha lexical “tradicionalista” na introdução referencial “ensino tradicionalista”, que denota uma carga valorativa à discussão, a nosso ver, de um ensino pouco inovador, que não contempla os avanços adquiridos na

contemporaneidade, a exemplo da internet. Ou seja, o enunciador postula que a problemática em questão não decorre apenas de um ensino pouco esclarecedor e conscientizador, mas de um ensino tradicionalista, desprovido do uso de recursos tecnológicos e do acesso à internet.

Por essa análise, é preciso reconhecer que esta introdução referencial anuncia de antemão ao leitor a direção argumentativa do texto, por se tratar de uma escolha (avaliativa) pensada, especialmente para ser retomada ao longo do texto, já que constitui a tese a ser defendida com acréscimos e/ou confirmações pelo enunciador. Em suma, advogamos que a expressão “ensino tradicionalista” é uma introdução referencial de natureza recategorizadora, processo referencial que esclarece ao leitor a opinião do enunciador acerca do tema em questão.

Ainda a respeito da tese, a expressão “a manipulação do comportamento do usuário pelo controle de dados da internet”, ancorada na expressão referencial “mecanismos de controle de dados” e na construção linguística “manipulam”, apresenta ao leitor, por recategorização referencial, a temática central da discussão e subsidia a argumentação textual a ser desenvolvida ao longo da unidade discursiva, de modo mais específico.

No segundo parágrafo da redação em análise, reservado para defender parte da tese apresentada anteriormente, a anáfora direta “o sistema econômico capitalista” retoma a introdução referencial apresentada no parágrafo introdutório “Capitalismo” e serve de argumento na unidade discursiva. Em partes, este anaforizante ancora a expressão “comércio *online*”, anáfora indireta manifestada por meio de sintagma nominal, arquitetando a argumentação intencionada. Dessa forma, o produtor defende que o sistema capitalista faz uso da tecnologia para desenvolver-se, recategorizando-o, ainda que indiretamente.

Na sequência do mesmo parágrafo, notamos a presença de outra anáfora, agora direta, “mecanismos de venda”, que retoma a introdução referencial “mecanismos de controle de dados” do primeiro parágrafo, para argumentar que tais mecanismos que controlam os dados dos usuários da internet são utilizados para fins de venda. Além de evidenciar essa visão, esta anáfora serve de âncora para a aparição de outras: “lucro”, “lojas” e “propagandas virtuais”, essenciais para a condução do plano argumentativo do texto, especialmente para sustentação da tese anteriormente apresentada (apoio): a problemática impulsiona o capitalismo.

A argumentação do texto progride quando o produtor recategoriza, indiretamente, a temática da redação, “a manipulação do comportamento do usuário pelo controle de dados da internet” por meio da anáfora associativa “restrição indireta da liberdade individual”, evolução do referente que contribui para o fechamento do tópico discursivo “Capitalismo” e explicita o posicionamento do produtor do texto, ao acrescentar que a manipulação afeta o direito

democrático de escolha dos indivíduos que fazem uso da internet, restringindo, pois, a sua liberdade. Daí o entendimento de que as anáforas se apoiam uma na outra, com vistas à progressão da argumentação na tessitura textual.

Sendo assim, entendemos que as anáforas, de modo geral, não somente contribuem para manter o tema em foco, como postula Marcuschi (2005), mas também acrescentam marcas cognitivas ao texto, revelando o modo como conhecemos e interpretamos o mundo e, por meio disso, visam convencer o outro. Decerto, a (re)construção dos referentes diz muito sobre as nossas práticas e vivências sociais nas diversas situações de interação, nas quais inevitavelmente assumimos/revelamos pontos de vista.

Ainda a respeito da exposição dos argumentos que dão sustentação à discussão, no terceiro parágrafo, em particular, notamos que a expressão “o falho sistema de ensino” anaforiza a introdução referencial apresentada no parágrafo introdutório “o ensino tradicionalista”, recategorizando-a. Manifestada por meio de expressão definida, com uso do modificador “falho”, essa recategorização torna ainda mais clara a avaliação negativa do ensino, já antecipada com o emprego da referida introdução referencial. Prova disso é que este referente volta a ser retomado, por repetição total, logo na sequência (“um ensino tradicionalista”).

Contribuindo para a argumentação textual, o referente “aparelhos tecnológicos”, ancorado cognitivamente nas expressões referenciais e construções linguísticas anteriores, é recategorizado por duas expressões referenciais divergentes, ambas reveladoras de um ponto de vista que mostra estar a serviço da argumentação desenvolvida. Em específico, o enunciador argumenta ser falho o sistema de ensino devido à visão tradicionalista que se tem dos aparelhos tecnológicos: tidos enquanto “entretenimento”, quando, na verdade, são “ferramentas úteis ao conhecimento”, em uma visão ressignificada.

Com efeito, esse movimento referencial, além de evidenciar o caráter instável dos referentes, dadas as categorizações divergentes a um mesmo objeto, contribui para a orientação argumentativa do texto, à medida que o enunciador defende o ponto de vista apresentado, explicitando o porquê de “o ensino tradicionalista”. Logo, as transformações do referente “os aparelhos tecnológicos”, ainda que discrepantes, consistem em um processo que, ao auxiliar no desenvolvimento argumentativo do texto e colocar uma denominação como mais adequada em relação à outra, encaminha o leitor para o fechamento da argumentação que será ratificada na sequência do texto, especialmente no parágrafo conclusivo.

No referido espaço, observamos que a expressão anafórica “o ensino sobre o uso seguro e consciente da internet” funciona como a conclusão para qual a discussão esteve orientada,

isto é, ratifica a tese apresentada e desenvolvida no decorrer da unidade discursiva: somente por meio de um ensino conscientizador, a problemática do uso do “controle de dados” para manipular os usuários da internet será atenuada, referente que, retomado brevemente no mesmo período pelo demonstrativo “isso”, atesta esse entendimento. É certo, pois, que a anáfora “isso”, ainda que não implique argumentação, promove a continuidade referencial do texto e proporciona o encadeamento das ideias.

Comungando com o desfecho do ponto de vista exposto, o referente “o Ministério da Educação”, previsto no texto, não só atua como âncora para a aparição das anáforas “o Governo Federal” e “a escola”, como serve de argumento para a manutenção da argumentação desenvolvida e o delineamento da proposta de intervenção à problemática em questão. À vista disso, entendemos que essas anáforas indiretas favorecem a articulação textual da sequência argumentativa, atuando, na verdade, como recursos para que o leitor interligue as unidades tópicos do texto e estabeleça sentidos a ele, a saber: dar uma orientação argumentativa para as predicções enunciadas na tessitura textual (Cavalcante, Custódio Filho e Brito, 2014).

Em linhas gerais, nesta redação, com as expressões referenciais em destaque, o candidato, além de reafirmar a tese inicial – a problemática em questão é dissipada pela prevalência de um ensino tradicionalista –, apresenta uma “nova” tese: a problemática pode ser mitigada com “o ensino sobre o uso seguro e consciente da internet”. Essa interpretação esclarece a atuação dos processos referenciais na orientação argumentativa do texto, por auxiliar na organização textual própria do gênero, que por si só revela o movimento argumentativo do texto.

Por toda a análise apreendida, é importante pontuar que, muito embora os objetos de discurso revelem pontos de vista e contribuam para a orientação argumentativa do texto, esta não é pontual, e sim processual, não ocorre com o emprego dos processos referenciais, mas com a articulação e o funcionamento deles na unidade discursiva. Na asserção conclusiva, por exemplo, a conexão já existente entre os referentes apresentados ao longo da unidade discursiva sintetiza as ideias a respeito da temática e conduz o leitor à conclusão apresentada.

Acerca dos resultados alcançados com a investigação proposta, a seção seguinte dedica espaço a breves pontuações.

(Algumas) Palavras finais

Por toda a empreitada apresentada, confirmamos que as operações textuais de apresentação, manutenção e recategorização dos referentes estão relacionadas aos propósitos comunicativos do gênero em questão, que deve já de início apresentar uma tese e, ao longo do texto, defendê-la, o que implicar dizer que os processos referenciais, inerentes aos textos, estão a serviço do desenvolvimento da orientação argumentativa do gênero redação do ENEM.

Na verdade, os processos referenciais efetivam a orientação argumentativa desse gênero, confirmando, portanto, uma relação mais específica entre tais abordagens, pois a construção das redes referenciais é reveladora de pontos de vista, os quais o candidato usa para gerenciar a argumentação do seu texto, inclusive já nas primeiras palavras do texto, no caso da introdução referencial recategorizadora. Ademais, é preciso considerar que o modo de apresentar os referentes no discurso, nomeando as coisas do mundo, é subjetivo e por si só já revela uma argumentação do candidato, dadas as intenções comunicativas que motivam o seu projeto de dizer.

Com as análises realizadas, constatamos, portanto, que as cadeias referenciais anafóricas, diretas e indiretas, não só confirmam como operam acréscimos e mudanças aos referentes introduzidos, ratificando e anunciando novos pontos de vista e, ainda, adequando-os uns em relação aos outros, respectivamente. Nesse intento, notamos também o uso de processos referenciais intertextuais e a articulação de vozes como estratégias argumentativas que, mediante inserção e adição de argumentos, além de engajar o leitor no texto, dão sustentação ao(s) ponto(s) de vista defendido(s) e credibilidade à discussão.

Em suma, a discussão retratada agencia estudos outros acerca da inscrição da argumentação no nível textual do discurso, inclusive com outros critérios analíticos, a exemplo da intertextualidade, à medida que sugere perspectivas de trabalho ao professor de Língua Portuguesa, no sentido de, ao trabalhar com o texto de forma contextualizada, na sua completude, oferecer aos discentes uma formação crítica que possibilite o aprimoramento da competência comunicativa e o desenvolvimento das práticas argumentativas, tornando-os aptos a utilizar a língua nas mais diversas situações de comunicação.

Referências

ADAM, J. M. **A Linguística Textual**: introdução à análise textual dos discursos. 2. ed. Revista e aumentada. São Paulo: Cortez, 2011.

AMOSSY, R. Argumentação e Análise do Discurso: perspectivas teóricas e recortes disciplinares. Tradução de Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio Ferreira. **EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 1, p. 129-144, nov. 2011.

- AMOSSY, R. **A argumentação no discurso**. Tradução de Angela M. S. Corrêa [et al.]. São Paulo: Contexto, 2018.
- CAVALCANTE, M. M. *et alli*. **Linguística Textual e Argumentação**. 1. ed. Campinas: Pontes editores, 2020.
- CAVALCANTE, M. M. Abordagens da argumentação nos estudos de Linguística Textual. **ReVEL**, edição especial, v. 14, n. 12, p. 106-124, 2016.
- CAVALCANTE, M. M.; CUSTÓDIO FILHO, V.; BRITO, M. A. P. **Coerência, referencialidade e ensino**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2014.
- CAVALCANTE, M. M. **Referencialidade**: sobre coisas ditas e não ditas. Fortaleza: Edições UFC, 2011.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- KOCH, I. G. **Argumentação e linguagem**. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- KOCH, I. V. Referencialidade e orientação argumentativa. *In*: KOCH, I. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. **Referencialidade e Discurso**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 33-52.
- MACHADO, D. Z. Referencialidade. *In*: COSTA, I. B.; FOLTRAN, M. J. (orgs.). **A tessitura da escrita**. São Paulo: Editora Contexto, 2013. p. 101-123.
- MARCUSCHI, L. A. A anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. *In*: KOCH, I. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. **Referencialidade e Discurso**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 85-130.
- MINAYO, M. C. de S. O desafio da pesquisa social. *In*: DESLANDES, S. F.; GOMES, R.; MINAYO, M. C. de S. (orgs.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 9-29.
- MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referencialidade. *In*: CAVALCANTE, M. M.; BIASI-RODRIGUES, B.; CIULLA, A. **Referencialidade**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52.
- PAIVA, V. L. M. de O. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.
- PRODANOV; C. C.; FREITAS; E. C. de. **Metodologia do trabalho científico: método e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.
- SOUZA, A. M. N. de. **Processos referenciais e orientação argumentativa em redações nota mil do ENEM**. 2021. Programa de Pós-graduação em Letras (Dissertação de Mestrado). Pau dos Ferros: Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, 2021. 143p.